

# NO PRINCÍPIO FEZ-SE A OBRA: O DESCOMEÇO DE *CONTOS GAUCHESCOS*

Profª Dr. Flávia Brocchetto Ramos

UCS

Prof. Dr. João Cláudio Arendt

UCS

## Resumo:

Investigar a história da recepção de *Contos gauchescos* (1912), de João Simões Lopes Neto, desde a sua publicação até atualidade, é o objetivo desta comunicação. Analisa-se até que ponto o caráter regional impede o reconhecimento da narrativa, quando editada e, partindo da noção de mediador de leitura, centra-se na influência da crítica, principalmente na figura de Carlos Reverbel, para definir a aceitação ou a rejeição do livro.

A reflexão mostra que o papel do mediador, a partir de Robert Escarpit, é fundamental para a aceitação ou não do livro e para inseri-lo no rol de clássicos, como também aponta elementos que contribuem para a sua manutenção no sistema literário brasileiro, a partir de pressupostos de Hans Robert Jauss, como a fusão de horizonte de expectativas da obra e dos leitores.

## 1 Antecedentes

O Regionalismo é uma qualidade ou um defeito da arte literária. No caso de Simões Lopes Neto, especialmente em relação à obra *Contos gauchescos*, publicada em 1912, o caráter local torna-se, em princípio, um empecilho para a sua divulgação, posto que a representação dos valores e da linguagem gaúchos desqualifica a obra. Mais tarde, porém, com o reconhecimento do livro pela crítica gaúcha e brasileira, tais defeitos transformam-se em qualidades que justificam sua inserção no circuito literário. Somente na década de 40 nasce a obra, em virtude de que há leitores capazes de compreendê-la.

O conceito de espaço pauta-se nas relações estabelecidas com o meio em que os indivíduos vivem. Assim, o espaço particularizado configura-se como o lugar de experiências particulares. Tal aspecto é um dos elementos da ficção, já que a narrativa se concretiza em um cenário peculiar. O lugar selecionado pelo narrador pode ser próximo das suas vivências ou configurado apenas pela imaginação do narrador e, posteriormente, do leitor. Ítalo Calvino, por exemplo, põe em prática tal situação em *Cidades invisíveis*, cujo narrador revela diversos

ambientes através de um plano ficcional. A viagem do narrador protagonista pode ser tão ousada a ponto de dar a volta ao mundo em 80 dias, como Phileas Fogg, personagem de Júlio Verne. Essas obras conquistam leitores de diferentes tempos e espaços, tanto pela proposta narrativa, como pelos cenários que não se restringem a um lugar particular.

## **2 A apresentação de *Contos gauchescos***

Há, porém, uma vertente de prosadores que se centra nos matizes do meio em que vive. Na literatura gaúcha, quem primeiro constrói tal proposta com maestria é Simões Lopes Neto, ao apresentar a sociedade sulina com contos peculiares, no cenário ficcional, posto que das personagens sobressaem traços dos povoadores do solo sul-rio-grandense. No entanto, os críticos gaúchos não gostam da caracterização realizada pelo escritor e muitas críticas depreciativas surgem, colocando sua obra num arcabouço de textos que devem ser apagados da memória, em virtude de que revelam aspectos a serem esquecidos. O padrão de gaúcho, destacado por Simões, opõe-se ao modelo romântico ainda em voga no começo do século XX.

O demérito da proposta do escritor já se evidencia, quando é publicado o primeiro livro de Simões Lopes, *Cancioneiro guasca*, em 1910. Na ocasião, o jornal *A Federação*, de Porto Alegre, posiciona-se da seguinte maneira:

Todos os povos possuem trabalhos de gênero semelhante, a título de documentação histórica. A poesia popular é o reflexo da índole e dos costumes da época que abrange, e só por esse título têm algum valor. A coletânea publicada por Simões Lopes Neto é a mais abundante que conhecemos e reúne um sem-número de trovas contemporâneas do tipo findo do gaúcho rio-grandense (...). Em suma, o *Cancioneiro* tem o interesse histórico, e o Sr. Simões Lopes Neto, que com essa publicação não teve, de certo, a menor intenção de fazer obra de literatura<sup>1</sup>.

Considerando que uma obra dificilmente se sustenta por si mesma, exceto se pertencer a um escritor já respeitado, como esperar que o ficcionista pelotense conseguisse ter sua narrativa reconhecida no circuito literário e, conseqüentemente, pelos leitores locais? Os literatos da época afirmam que os textos simonianos não pertencem ao acervo literário, e os historiadores também não acreditam que eles digam respeito ao seu domínio, por não serem organizados dentro dos padrões da pesquisa histórica, que na época seguiam paradigmas positivistas.

---

<sup>1</sup> *A federação*. Porto Alegre, 9 de agosto de 1910.

Outro caminho não há para *o Cancioneiro guasca*, senão cair no esquecimento. Algo semelhante acontece com *Contos gauchescos*, editado em 1912 e dedicado à memória do pai do autor. A obra, composta por dezoito contos, é antecedida por uma espécie de introdução, na qual um narrador em terceira pessoa apresenta Blau Nunes aos leitores.

Augusto Meyer<sup>2</sup>, nos anos quarenta, descreve essa primeira edição em formato de bolso: “Dois grampos enormes, cheios de ferrugem. O frontispício, uma obra-prima de mau gosto. O título composto num arremedo de gótico. E um tímido subtítulo: *Folk-lore regional*”. Em 31 de janeiro de 1965, Carlos Reverbel, ao noticiar a edição de bolso dos *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, na Coleção Catavento, da Globo, afirma que o formato de bolso, antes de sua invenção como moderno recurso editorial, teve na Livraria Universal, de Echenique & Cia., o seu pioneirismo. Apesar das deficiências gráficas, foi nesse formato que Simões Lopes estreou, em 1912, com *Contos gauchescos*.<sup>3</sup> Entretanto, na época da primeira publicação dessa obra, *A Federação* volta a criticar o modo como Simões pretende fazer literatura:

(...) contendo contos narrados à feição da gente do campo, num Rio Grande já remoto, sobre assuntos característicos dessa gente, hoje quase extinta entre nós. Por esse gênero de literatura muito restrito, todo especial e pouco interessante, no estado atual de nossa cultura e da transformação completa por que passam os costumes rio-grandenses (...) discordamos da opinião de que a vulgarização de tal literatura tenha qualquer fim de utilidade real, quer quanto ao conhecimento dos costumes da época, quer quanto ao enriquecimento de nosso insignificante patrimônio intelectual. Este, pelo contrário, só terá a perder com o cultivo de uma linguagem rebarbativa, viciada, cheia de plebeísmos, por vezes malsoantes e até inconvenientes, que, mesmo os pouquíssimos gaúchos autênticos que ainda existem em algum rincão esconso do estado, só empregam com grande modificação.<sup>4</sup>

Com essa recepção, a obra não é devidamente apreciada, nem mesmo divulgada positivamente. Só bem mais tarde ela vai ser reconhecida pelos círculos literários, quando no centro do País surgem publicações como *Macunaíma*, onde a oralidade também se faz presente. O lugar de Simões Lopes, como precursor na inserção do coloquialismo na literatura e na mimetização dos costumes locais, é por muito tempo ignorado.

Apenas em 1926, *Contos gauchescos*, juntamente com *Lendas do Sul*, é publicado por uma editora da capital gaúcha, ultrapassando os limites do município de Pelotas. Isso já é uma vitória, porque a obra do regionalista cruza a primeira fronteira: sai de sua terra natal e

---

<sup>2</sup> MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: Martins, 1943. p. 9-10.

<sup>3</sup> REVERBEL, Carlos. A edição do centenário. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 jan. 1965.

<sup>4</sup> *A Federação*. Porto Alegre, 1 de outubro de 1912.

encontra ressonância entre os letrados da Província, com a publicação por uma editora de destaque, a Globo.

No entanto, Simões, atinge a consolidação efetiva apenas em 1949<sup>5</sup>, quando a Globo, inaugurando a Coleção Província, republica os *Contos gauchescos e lendas do Sul*, numa edição crítica de luxo, com introdução, variantes, notas e um glossário de mil palavras, elaborado por Aurélio Buarque de Hollanda. O prefácio, de Augusto Meyer, reproduz, integralmente, o primeiro capítulo do seu livro *Prosa dos pagos*, de 1943. Já o posfácio, a cargo de Carlos Reverbel, intitula-se "Esboço biográfico em tempo de reportagem"<sup>6</sup>. Nele, o autor afirma, em breve nota, que "todo material informativo que se contém nestas páginas foi diretamente recolhido em Pelotas, onde J. Simões Lopes Neto fez a sua vida literária - em demorada pesquisa de reportagem junto às fontes ligadas ao escritor rio-grandense". Uma particularidade dessa edição é a inclusão do conto "O menininho do presépio", ausente nas anteriores<sup>7</sup>.

Nota-se aqui a importância da mediação<sup>8</sup> para que a obra seja entendida. Aqueles que conhecem o linguajar a repudiam, e os que desconhecem não a decifram. Para que o público em geral, de outros locais, conheça e respeite a obra, torna-se necessária uma orientação que ilumine o texto. Nesse caso, o primeiro passo é a constituição de um glossário e de notas para auxiliar no entendimento do leigo. A crítica atua, pois, como um roteiro, uma orientação na recepção do livro e na formação de um público leitor, capaz de compreendê-lo. Os críticos percebem que, devido às marcas locais desses contos, é necessário que se faça uma mediação para serem aceitos pelo público leitor.

A inserção do glossário permitiria que a obra fosse conhecida também pelo leitor que não domina a linguagem regionalista gaúcha. Pode-se destacar, entre muitos termos, algumas palavras e expressões regionais, como *guaiaca empanzinda*, *sesteada morruda*, *encilhei o zaino*, *jararaca na ressolana* e *taura*. Há associações inusitadas, como o modo de referir-se ao cavalo,

---

<sup>5</sup> LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949. 414p. (Coleção Província, 1).

<sup>6</sup> Alguns trechos do posfácio foram, anteriormente, publicados na revista *Província de São Pedro*, n.2, set. 1945.

<sup>7</sup> Esse texto deveria compor uma segunda série de *Contos gauchescos*, inacabada com a morte prematura do autor. Publicado no jornal *A opinião pública*, em 25 de dezembro de 1913, foi localizado por Reverbel nos anos quarenta e inserido na edição de 1949.

<sup>8</sup> A mediação pode ser feita por pessoas que tenham autoridade sobre o assunto ou por outros meios, como a editora. Na atualidade, a editora é um traço que já sinaliza a qualidade da obra. É difícil, por exemplo, que um autor consiga ser respeitado no circuito literário com uma publicação independente. Já se editar pela Companhia das Letras, olha-se para o livro com um certo respeito, posto que ele passou por um crivo de seleção. Quando a obra simoniana foi publicada pela Globo, de certa forma, ganhou o reconhecimento não obtido pela primeira edição, de Pelotas.

chamando-o apenas pela cor do pêlo, zaino – que significa marrom. As figuras de linguagem empregadas pelo narrador, muitas vezes, são opacas para o público em geral e precisam ser explicadas<sup>9</sup>.

Antes da edição luxuosa de 1949, Carlos Reverbel, o biógrafo de Simões, publica um texto, denominado “Esboço biográfico em tempo de reportagem”, na *Revista Província de São Pedro*, de Porto Alegre, destacando algumas qualidades da obra simoniana. Todavia, se a crítica inicial centrava-se na depreciação da obra e na ênfase aos defeitos de Simões como indivíduo, Reverbel debruça-se especialmente na valorização do homem e, conseqüentemente, da obra. Ele ressalta, em princípio, que o escritor “já está definitivamente situado dentro do regionalismo rio-grandense”<sup>10</sup>. Tal afirmação baseia-se no pressuposto aristotélico que define literatura como a representação de ações humanas possíveis, centrada em elementos como mímese e verossimilhança. O crítico ressalta que, ao ler Simões, sente-se “nele, como em nenhum outro, a voz inconfundível do campeiro rio-grandense falando pela boca de Blau Nunes, ...”<sup>11</sup>. A obra é tão verossímil, que o tom do narrador chega a confundir-se com “a própria voz do nosso folclore”, nada apresentando “que não venha sequer lembrar a figura encontradiça, mas sem maior expressão do gaúcho convencional”<sup>12</sup>.

Tão bem iniciada, a análise de Reverbel desloca-se da obra para a vida do escritor sul-rio-grandense, buscando as origens que podem justificar as características encontradas na produção ficcional. A crítica anterior, que denegria o escritor, e a de Reverbel centram-se, principalmente, na vida de Simões e não nas qualidades ou defeitos de sua produção. O biógrafo, no entanto, avança e consegue apontar qualidades estéticas do regionalista.

---

<sup>9</sup> No ano de 99, foram realizadas pelas professoras Angela Cogo Froncoviak e Flávia Brocchetto Ramos oficinas de leitura de texto literário com professores da rede pública da região do Vale do Rio Pardo - RS. Na ocasião, optou-se por explorar um escritor gaúcho e elegeu-se Simões. Surpreendentemente, embora os docentes vivessem no RS, foi necessária a inserção de um glossário e a mediação dos docentes organizadores dos encontros, para que contos como “Correr eguada” e “O mate do João Cardoso” fossem apreciados pelos professores.

<sup>10</sup> REVERBEL, Carlos. Esboço biográfico em tempo de reportagem. In: *Revista Província de São Pedro*. V. 02, p 78, disponível em [http://ipct.pucrs.br/cgi-bin/letras/1...=Província\\_de\\_Sao\\_Pedro&volume=2&sessio...](http://ipct.pucrs.br/cgi-bin/letras/1...=Província_de_Sao_Pedro&volume=2&sessio...)

<sup>11</sup> Ib. id.

<sup>12</sup> Ib, p 79.

### 3 A reconstrução da boa-imagem de Simões Lopes

Investigando fontes orais e escritas, Reverbel traçou uma biografia sentimental de Simões Lopes e mostrou ao leitor um sujeito bom, gentil e amável para com amigos e familiares. Essas virtudes, aliás, haviam sido obscurecidas pela sucessão de empreendimentos comerciais e industriais frustrados, e pelo seu envolvimento com mazelas sociais, de modo que em torno do escritor criou-se uma imagem de caipora, de maldito e de boa-vida. O pesquisador traz à tona os fracassos de Simões, mas os reescreve de forma a sentir-se uma certa afeição pelo escritor e a entender os motivos que o levaram à ruína financeira.

Quem já se dedicou ao estudo da obra simoniana sabe que, em Pelotas, entre as pessoas mais antigas, reinou durante muito tempo um espírito de maledicência em torno desse cidadão e da livraria Echenique, a qual editou, pioneiramente, *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). Mencionados os nomes do escritor e da editora, costumava-se bater três vezes na madeira para afastar os maus fluídos...

Reverbel empenhou-se, a partir de 1945, em desconstruir a imagem negativa e, como já se disse, apresentar um Simões Lopes mais humano, inclusive voltado à denúncia e solução de problemas sociais da vida pelotense. Como exemplo desse percurso de resgate da imagem do escritor, convém citar um dos mais belos retratos físicos e psicológicos do ficcionista, feito em 1945, na segunda reportagem do pesquisador à *Revista do Globo*:

Pendurado numa das paredes da salinha acolhedora e cheia de calor humano, o santo da casa – J. Simões Lopes Neto, naquele retrato tão conhecido: fisionomia cansada, mas harmoniosa e mansa, sem arestas de amarguras; olhar de quem muito sonha, perdido, lá longe, nas distâncias do ideal, apesar do estrabismo bem acentuado e desfigurador; barbicha discreta e rala, em forma de cone, toda salpicada de branco, e aquela cabeleira pouco abundante, porém esparramada em novelos grisalhos, circundando uma fronte não muito aberta, de austeridade sem asperezas.

Ali estava a imagem de um homem que viveu intensamente e intensamente sofreu; encanecido, gasto, quase no ano da morte, com a maior parte dos sonhos extraviados – mas ainda aí compassivo e sem ressentimentos, como o foi João Simões até o último dos seus dias.

Dona Velha levanta os olhos para a fotografia, com enternecedora naturalidade, como deve fazer todos os dias, há tantos anos; então, admirando a cena, penso numa legenda de Castro Alves para aquela moldura:

*Tu és a única luz da treva em meio,  
Tu és a minha estrela do sol posto...*<sup>13</sup>

Como se vê, a carga de adjetivos presente nessa passagem forma um retrato que se contrapõe à imagem negativa do escritor. A fisionomia, embora cansada e austera, é descrita de maneira harmoniosa e mansa, sem marcas de amargura ou aspereza. Reverbel resgata, em suma, “a imagem de um homem que viveu intensamente e intensamente sofreu”, um homem encanecido, gasto, com a maior parte dos sonhos extraviados, mas sempre “compassivo e sem ressentimentos”.

Ao contrário, também, do que se afirmava sobre a relação conjugal de Simões Lopes e dona Francisca Meireles – a qual seria chamada de “meu Bismarck”<sup>14</sup> pelo marido –, Reverbel eleva o escritor à condição de “santo da casa”. Ainda na passagem acima, com um lance poético magistral, o jornalista afasta todas as possíveis querelas entre ambos, colocando o escritor como a única luz a brilhar na treva em que se encontrava a viúva. A treva, nesse caso, pode ser interpretada de duas maneiras: por um lado, representando a penúria econômica em que mãe e filha se encontravam na época; por outro, simbolizando a indigência completa da família de um grande escritor regionalista brasileiro.

Afastando, também, a imagem de um homem rude e sem erudição, Reverbel descreve Simões Lopes como um sujeito urbano e polido, apesar dos muitos anos passados no campo, durante a infância. Da mesma forma, o fato de ter sido um “homem de pouca sorte”, às vezes reservado e distante, não o impediu de ser um companheiro afetuoso, um cidadão dedicado, cheio de finura e delicadeza.

Caipora ou não, Simões Lopes sujeitava-se com serenidade e bravura aos insucessos de ordem material ou prática, retirando de cada derrota uma importante lição de vida. Nessa

---

<sup>13</sup> *Revista do Globo*, 25 ago. 1945, p.30.

<sup>14</sup> Otto Von Bismarck, o chanceler de ferro, foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. Para formar a unidade alemã, Bismarck desprezou os recursos do liberalismo político, apostando numa política de força (dita de sangue e ferro).

perspectiva, conforme Reverbel, a “falta de sorte” resultava de uma incompatibilidade entre o seu feitio de artista e as naturais injunções do mundo dos negócios. Por isso, a busca permanente de uma estabilidade econômica, jamais atingida, também poderia “significar inquietação criadora”. Nesse caso, a obra ficcional simoniana seria fruto, mais ou menos direto, da personalidade inquieta do cidadão Simões Lopes. O ato de criar estaria intimamente relacionado com o modo de ser e agir do escritor, ou seja, imbricado com sua trajetória de vida pessoal.

Em “Esboço biográfico em tempo de reportagem”, de 1945, Reverbel, contrariando versões anteriores, apresenta um depoimento colhido junto à viúva Francisca Meireles, bastante significativo do ponto de vista da conduta diária do escritor:

Ele era uma criatura sempre de boa paz. Embora não fosse ruidoso, era cheio de vida, gostando muito de assuntos divertidos. Comentava entre boas risadas as coisas engraçadas que aconteciam na cidade. No mais, fora do trabalho e dos negócios, estava sempre metido no seu gabinete, com livros na mão, ou então escrevendo. Às vezes, ficava tempos sem fazer uma coisa nem outra. Ficava silencioso e pensativo no seu gabinete ou num canto qualquer da casa. E quando acontecia de fazer-se barulho mais forte ali por perto, então ele pedia, naquela voz macia: não espantem os passarinhos...<sup>15</sup>

As palavras da viúva, à revelia de tudo, atestam a retidão de conduta e o bom humor de Simões Lopes. O depoimento declina, portanto, a favor do contista, que se sabe, foi fortemente criticado pela família por não se enquadrar nos rígidos padrões sociais da época e por desperdiçar, em negócios malsinados, a fortuna herdada dos pais.

#### **4 Considerações finais**

Ao ser publicado, em 1912, *Contos gauchescos* encontra uma série de opositores que trabalham contrariamente a sua divulgação, entre os quais destaca-se o jornal “A federação”, que julga a obra negativamente. Mais tarde, em 1926, a editora Globo, de Porto Alegre, recupera o texto através da sua reedição. No entanto, o sucesso vem somente na década de 40, quando o horizonte de expectativas da obra e dos críticos<sup>16</sup> se funde, e o livro sofre a terceira edição. Nesse momento, o livro é acompanhado por introdução, notas e glossário, elaborados por Aurélio Buarque de Hollanda, contribuindo, assim, para a recepção positiva e para o seu reconhecimento

---

<sup>15</sup> Província de São Pedro, set. 1945, p.80.

<sup>16</sup> Terminologia utilizada por Reverbel.



no cenário gaúcho e brasileiro. A editora e os textos que acompanham a edição promovem o livro, ao atuarem como mediadores.

Simões deixa de ser um escritor municipal. Para os gaúchos, nasce por volta de 1945, pela mão de Carlos Reverbel, entendido aqui como um mediador do texto. No mesmo período, na França, Escarpit<sup>17</sup> já citava que, em determinadas comunidades rurais, o divulgador do livro era o pároco ou um parente que morava num centro urbano e que, em determinadas épocas, vinha até o interior citando as novidades que estavam sendo discutidas na sede. Resgatando a vida de Simões, o biógrafo salienta que muito se fala sobre as investidas empresariais do escritor, e muito pouco sobre sua produção literária. Não há, por exemplo, anúncio concreto de que Simões tivesse preparado uma segunda série de *Contos gauchescos*, na qual estaria inserido “O menininho do presépio”.

O sucesso dos contos vem com o tempo, através, principalmente, da crítica positiva e das reedições. Conforme Escarpit<sup>18</sup>, o sucesso de uma obra literária é uma questão complicada, já que o jogo econômico descarta cerca de 90% dos títulos publicados e, após 20 anos da primeira publicação, apenas 1% das obras torna-se clássica. Frente a tal quadro, há razões estéticas que se impõem, para que *Contos gauchescos* continue sendo apreciado, depois de 90 anos da sua estréia.

O horizonte de expectativas<sup>19</sup> dos leitores, na atualidade, ainda encontra repouso na obra simoniana. Num momento em que o local, o diferente, o pluriculturalismo é motivo de estudo, *Contos gauchescos*, mais do que nunca, entra em cena. O livro responde aos anseios do brasileiro que tenta recuperar, pela leitura, o mosaico cultural que constitui o País. No entanto, a obra tende a ser amputada: manuais didáticos insistem em reproduzir contos isolados, sem apresentarem Blau como o sujeito que vai tecendo as histórias pela sua memória farroupilha. Falta o enquadramento e sem ele as histórias são apenas fragmentos que não recuperam sutilezas essenciais para o entendimento da obra.

As descrições minuciosas trazidas à luz por Blau, a força da linguagem, a representação da oralidade (desejo permanente da literatura), a sonoridade, as marcas locais que outrora eram defeitos, agora tornam-se qualidades esperadas pelos receptores. Todavia, o grande

---

<sup>17</sup> Escarpit, Robert. *Sociología de la literatura*. Barcelona: Oikos-tau, 1971.

<sup>18</sup> Op. cit.

<sup>19</sup> Conceito desenvolvido Hans Robert Jauss. In. *História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

público ainda precisa conhecer o escritor regionalista, para que, uma vez enfronhado no discurso do narrador, perceba as sutilezas, seja pela estrutura de encaixe, característica de narrativas desde aquelas contadas por Xerazade, seja pela seleção de elementos culturais que constituem a literatura sul-rio-grandense. O escritor local ultrapassa as fronteiras gaúchas e insiste em ser conhecido no Brasil, ao apresentar, com fidelidade, o imaginário sul-rio-grandense. Dessa forma, a história da recepção de *Contos gauchescos* revela o descomeço da obra, quando tudo se opõe a sua consolidação, para chegar ao momento em que ela é apreciada pelos críticos, mas ainda é ilegível para docentes do ensino médio e acadêmicos de Letras.